



DADOS PRELIMINARES DO LEVANTAMENTO DAS PLANTAS MEDICINAIS CONHECIDAS E UTILIZADAS POR SERVIDORES DE INSTITUIÇÕES DE ENSINO E ESTUDO DA SUA RELAÇÃO COM DIFERENTES AMBIENTES DO MUNICÍPIO DE RIO GRANDE, RS.

L. C. Honscha

J. do P. Alves; S. M. Hefler; T. G. Chimieski

Instituto de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Rio Grande, Av. Itália, Km 8, Rio Grande, RS, Brasil, 96201 - 900. leticia_coutelle@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Os problemas ambientais relacionados ao desenvolvimento econômico e social começaram a aparecer a partir do momento que o homem passou a domesticar o ambiente. A educação ambiental, acompanhada por medidas especialmente econômicas, políticas e tecnológicas, pode ser uma boa estratégia para minimizar estes problemas (Rigotti, 2008).

Para tanto, um importante mecanismo para a conscientização sobre a preservação dos ambientes naturais, evitando assim a perda da biodiversidade, é partir do conhecimento dos organismos que fazem parte destes ambientes e sua relação. Além disso, o homem tende a preservar o que valoriza e conhece, destruindo, no entanto, aquilo que não conhece e que não lhe dá proveitos diretos (Rodrigues, 2001).

Neste sentido, novas tendências globais de uma preocupação com a biodiversidade e as idéias de desenvolvimento sustentável trouxeram novos ares ao estudo das plantas medicinais brasileiras, que acabaram despertando novamente um interesse geral na fitoterapia. A busca por novos fitoterápicos também acabou retro - alimentando a pesquisa botânica no Brasil, que vislumbrou na prospecção de potenciais produtos naturais de uso farmacológico uma ótima justificativa para intensificar seus trabalhos. Como já ocorrera nos primórdios das duas ciências, a fitoterapia e a botânica voltaram a ser vistas como aliadas a cooperar para a melhoria da qualidade de vida do povo brasileiro. (Lorenzi & Matos, 2002).

No Brasil, a medicina popular e o conhecimento específico sobre o uso de plantas é o resultado de uma série de influências culturais, como a dos colonizadores europeus, dos indígenas e dos africanos. O descobrimento e a conquista de novas terras por parte dos colonizadores tiveram diversas conseqüências. Uma delas foi o fato de que muitas plantas hoje empregadas na medicina popular foram introduzidas no início da colonização do Brasil (Figueredo, 2006). Isto

se deve especialmente pela rica flora medicinal do país, a qual vem sendo objeto de muitos estudos botânicos desde a segunda metade do século passado Ments *et al.*, (1997). Entretanto, esses estudos se concentraram mais nos Estados do centro e norte do país, pouco tendo sido registrado para a região sul e particularmente, para o Rio Grande do Sul.

Os conhecimentos sobre o potencial medicinal de plantas no Rio Grande do Sul derivam não somente de indígenas, mas também de colonizadores europeus, os quais os transmitiam geralmente de forma oral, quase não existindo registros escritos sobre os mesmos (Mentz *et al.*, 1997).

O mesmo ocorre no município de Rio Grande, onde a maioria dos moradores é de descendência portuguesa. Deste modo, acredita - se que haja um conhecimento restrito sobre as plantas medicinais nativas da região. Por isso a importância deste estudo, que tem como público alvo pessoas ligadas à rede de ensino, e pelo fato de conviverem em um ambiente onde se promove a troca de conhecimentos, poderão contribuir com a coleta de dados e também com a difusão de informações a cerca da preservação dos ambientes onde ocorrem plantas de interesse medicinal.

Além disso, o município de Rio Grande, situada no Sul do Estado do Rio Grande do Sul é rica em diversidade de ecossistemas ambientais (Lemos & Lopes 2007). Segundo Cotrim *et al.*, (1998) a principal formação vegetal costeira é a restinga que é a vegetação característica das praias, sendo constituídas por quatro tipos fundamentais: As pioneiras, questão formadas por gramíneas de beira de praia; as campestres, que são uma mistura de gramíneas e herbáceas; as savânicas, que são formadas pela presença de arbustos e plantas herbáceas; e as florestais, formadas por pequenos capões de mato.

OBJETIVOS

O objetivo desse trabalho foi promover uma pesquisa sobre

o conhecimento das plantas medicinais, sua aplicabilidade e grau de importância ecológica nos ambientes de Rio Grande, a partir de uma pesquisa com funcionários vinculados a Instituições de Ensino Fundamental e Superior.

MATERIAL E MÉTODOS

Este estudo caracteriza - se como a primeira etapa de um projeto mais amplo, que será direcionado a partir dos dados levantados nesse primeiro momento. O projeto, em sua totalidade, visa ampliar o conhecimento sobre as plantas com importância medicinal e sua importância ecológica nos diferentes ambientes do município de Rio Grande por meio de diversas atividades didáticas que serão desenvolvidas com alunos do Ensino Fundamental em escolas públicas de Rio Grande.

Na primeira etapa, o trabalho foi desenvolvido com 20 funcionários voluntários de duas instituições de ensino: Escola Municipal de Ensino Fundamental João de Oliveira Martins, no bairro Castelo Branco, e a Universidade Federal do Rio Grande (FURG), ambas no município de Rio Grande. Entre os selecionados, incluem - se professores, cozinheiras, bibliotecários e secretários.

A escolha dos entrevistados foi feita pelo fato das instituições de ensino se caracterizarem como veículo de troca de conhecimentos, tanto com alunos, quanto com membros da comunidade.

A pesquisa foi realizada após o consentimento dos entrevistados, quando foi aplicado um questionário semi - estruturado em busca das seguintes informações sobre as plantas medicinais: grau de conhecimento, nome popular, utilização, locais onde são adquiridas, incluindo ambientes naturais do município e fonte de indicação das potencialidades medicinais.

A partir dos dados levantados no questionário, foi feita uma pesquisa bibliográfica buscando informações sobre a identificação científica das espécies, a origem (exóticas e nativas) em literatura especializada, como Lorenzi & Matos (2002), Ments *et al.*, (1997). Além disso, buscou - se correlacionar as espécies nativas no Rio Grande do Sul com os ambientes de ocorrência (Cordazzo & Sellinger, 1995; Kissmann & Groth 2000; Lorenzi 2002; Lorenzi & Matos 2002;).

RESULTADOS

Foram levantadas 42 espécies de plantas medicinais. Este número é considerado baixo quando comparado com outros estudos, como Vendruscolo & Mentz (2006) que catalogaram 152 espécies para o Bairro Ponta Grossa, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Oliveira *et al.*, . (2007) que levantaram 97 espécies em entrevistas com moradores do Bairro Jardim Paraíso em Cáceres, Mato Grosso.

O baixo número de espécies citadas pelos entrevistados do presente estudo, se deve, em parte, ao fato dos mesmos residirem em centros urbanos ou muito próximos destes, com isso, as plantas medicinais utilizadas são adquiridas do comércio local ou do próprio cultivo em suas casas. Devido a

esta característica, e também pela descendência dos entrevistados, em sua maioria portuguesa, justifica - se as informações sobre a origem das espécies utilizadas, a maior parte européia, quando, do total de espécies levantadas, apenas sete (17%) são nativas do Rio Grande do Sul, destas, somente duas são nativas de outros estados do Brasil. As demais, 35 (83%) são exóticas.

Por outro lado, é comum em levantamentos etnobotânicos sempre haver uma predominância de espécies medicinais exóticas nas listagens obtidas, como podemos observar nos trabalhos realizados por Pilla *et al.*, (2006) e Simões *et al.*, (1998).

Das espécies nativas levantadas, *Achyrocline satureioides* Lam. (macela), *Baccharis trimera* Less (carqueja) são típicas de ambientes campestres (Kissmann & Groth 2000) e de dunas costeiras (Cordazzo & Sellinger, 1995), como também *Solanum paniculatum* L. (jurubeba), típica de ambientes campestres e ruderais no Rio Grande do Sul (Kissmann & Groth 2000). Enquanto *Bauhinia forficata* Link (pata de vaca), *Campomanesia xantocarpha* Berg (gabirola) são típicas de matas ou capões (Lorenzi 2002), do mesmo modo que *Rubus fruticosus* Mart. (amora) (Lorenzi & Matos 2002).

As plantas mais citadas foram *Plectranthus barbatus* Andrews (boldo), citado 13 vezes e *Achyrocline satureioides* (macela), citada 12 vezes em um total de 92 citações. O boldo, espécie exótica, conhecida no mundo todo e amplamente cultivada no Brasil, geralmente é a mais citadas também em outros estudos, como Taufner *et al.*, (2006), em levantamento das plantas medicinais nas cidades de Santa Tereza e Marilândia no Espírito Santo. Enquanto que a macela, pelo fato de ser nativa do Rio Grande do Sul, muito conhecida em todo o Brasil e de fácil acesso para as pessoas sempre é bastante citada em levantamentos do Sul do Brasil, como em Ments *et al.*, (1997) e em Vendruscolo & Mentz (2006).

Segundo Ments *et al.*, (1997) cerca de 210 espécies nativas são utilizadas na medicina popular do Rio Grande do Sul. Quando comparado este número com o total de espécies indicadas nesta pesquisa, percebe - se que há um desconhecimento das plantas nativas e de seu potencial medicinal ou até mesmo grande dificuldade de obtenção das mesmas, uma vez que a média de indicações de plantas medicinais por entrevistado foi de apenas cinco (incluindo nativas e exóticas). Considerando o total de citações (92) que indicaram o levantamento de 42 espécies, o número de citações das plantas medicinais nativas foi muito baixo, apenas 22 citações, sendo representadas por apenas sete espécies nativas.

Com isso, esse estudo demonstra e reforça a importância de divulgar mais as espécies nativas e fomentar campanhas de preservação dos ambientes onde estas se encontram. Isto se constituirá nas etapas seguintes deste estudo.

Quanto à indicação do uso dessas plantas como fitoterápicos, com unanimidade, elas são indicadas por parentes próximos aos entrevistados, geralmente pessoas mais idosas, como avós, pois eles tem um conhecimento mais amplo sobre o assunto. Isto está de acordo com os estudos de Motomiya (2004), e de Nunes (2007), quando a maioria dos entrevistados também obtiveram informações sobre as plantas através de parentes próximos.

CONCLUSÃO

Apesar do trabalho ainda estar em andamento, até este momento, obteve - se dados muito interessantes, em especial a percepção do pouco conhecimento e utilização de plantas nativas da região como medicinais. Isso nos fornece subsídios e servirá como uma ferramenta - base para as etapas seguintes deste projeto que objetivam a conscientização da preservação da flora medicinal nativa dos diferentes ambientes do extremo Sul do Rio Grande do Sul.

REFERÊNCIAS

Cordazzo, C. V.; Seeliger, U. *Guia ilustrado da Vegetação Costeira no extremo sul do Brasil*. Rio Grande: FURG. 1995. 275p.

Figueiredo, C.A. *fitoterapia*, NEPHF, 2006.

Kissmann, K.G. & Groth, D. *Plantas infestantes e nocivas*. Tomo II e III 2^oed. São Paulo: BASF. 2000

Lemos, V. & Lopes, M. *Anais do VIII congresso de ecologia do Brasil*, 23 a 38 de setembro de 2007, Caxambu MG. Guia ecológico virtual do ecossistema de banhado da cidade de Rio Grande, RS. 2007

Lorenzi, H. & Matos, F.J.A. *Plantas medicinais do Brasil: nativas e exóticas.*, Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2002, 512p.

Lorenzi, H. *Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas do Brasil* vol.1, 4^oed., Nova Odessa: Instituto Plantarum 2002, 268p

Mentz, L.A.; Lutzemberger, L.C.; Schenkel, E.P. Da flora medicinal do Rio Grande do Sul: Notas sobre a obra de D'Ávila (1910) *Caderno de Farmácia* 13(1): 25 - 48, 1997

Motomiya, A.V. de A.; Polezzi, R. de C. S.; Wilson C. F.; Gomes L. S.; Filho, S. B. de M. *Anais do 2^o congresso*

brasileiro de extensão universitária, Belo Horizonte - Levantamento e Cultivo das Espécies de Plantas Medicinais Utilizadas em Cassilândia, MS. 2004

Nunes, J.D.; Moura, M.Z.D. Plantio de uma horta de plantas medicinais na escola estadual Dr. José de Grisólia *Revista de biologia e farmácia* 1 (1):1983 - 4209. 2007

Oliveira, W.A.; Isobe, M.T.C.; Pereira, A.da S.; Isobe, H.N.C.; Mapeli, N.C. *Diversidade Biológica de Plantas de uso medicinal nos quintais do Bairro Jardim Paraíso em Cáceres-MT* 2007. Disponível em: http://www2.unemat.br/prppg/jornada/resumos_conic/Expandido_00566.pdf . Capturado em: 13.05.09.

Pilla, M.A.C.; Amorozo, M.C.M.; Furlan, A. Obtenção e uso das plantas medicinais no distrito de Martim Francisco, Município de Mogi - Mirim, SP, Brasil *Acta bot. bras.* 20(4): 789 - 802. 2006.

Rigotti, M. *Plantas medicinais, botânica, cultivo e utilização* 2008, 500p

Rodrigues, J. S. C. Contribuindo para o estudo etnobotânico das plantas medicinais e aromáticas do Parque Natural da Serra de S. Mamede. *Relatório de estágio da FCUL*. 2001, 249p.

Simões, C.M.O.; Mentz, L.A.; Schenkel, E.P.; Irgang, B.E.; Stehmann, J.R. *Plantas da medicina popular no Rio Grande do Sul*. 4.ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS. 1998, 173p

Taufner C.F.; Ferrazo E.B. & Ribeiro L.F. Uso de plantas medicinais como alternativa fitoterápica nas unidades de saúde pública de Santa Teresa e Marilândia, ES. *Natureza on line* Espitito Santo: ESFA 4(1): 30 - 39. 2006

Vendruscolo, G. S.; Mentz L. A. Estudo da concordância das citações de uso e importância das espécies e famílias utilizadas como medicinais pela comunidade do bairro Ponta Grossa, Porto Alegre, RS, Brasil *Acta bot. bras.* 20(2): 367 - 382. 2006.